

# O MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO SÉCULO XIX

GUILHERME ALEXANDRE SANTOS

CR-UFS

<https://orcid.org/0000-0002-1559-9648>

<http://lattes.cnpq.br/3122203585402036>

E-mail: [guilherme\\_alexandres@hotmail.com](mailto:guilherme_alexandres@hotmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar como o Movimento Feminista influenciou a educação das mulheres brasileiras no século XIX, mostrando-nos que a conquista da educação as levou a atingir outras metas idealizadas pelo movimento. Estas queriam ser instruídas, mas também queriam ser reconhecidas e fazer parte da sociedade na vida social e política, queriam sair dos limites impostos pelo pensamento machista que as denominaram frágeis e incapazes, para isso era preciso romper com o tradicionalismo que a mulher nasceu para serem esposa e mãe, que seu lugar era em casa cuidando do lar, e que a instrução não era necessária, pois em nada alteraria sua situação diante da sociedade, por isso lutaram para mostrar que eram capazes de conciliar a vida pública a pessoal.

**Palavras-chave:** Movimento Feminista – Direito a Educação – Conquistas.

## ABSTRACT

This study aims to present how the feminist movement has influenced the education of Brazilian women in the nineteenth century, showing us that the achievement of education led them to achieve other goals idealized by the movement. They wanted to be educated, but also wanted to be recognized and be part of society in social and political life, wanted to leave the limits of sexist thinking that termed fragile and incapable, so it was necessary to break with traditionalism that the woman was born to be wife and mother, her place was at home taking care of the home, and that education was not necessary because would not change their standing in society, so struggled to show what they were capable of reconciling public life personal.

**Keywords:** Feminist Movement - Right to Education – Achievements.

## **1. INTRODUÇÃO**

As mulheres durante muitos séculos não tinham direito a participar de forma ativa na sociedade, a história nos revela que essa situação se dava por conta das normas e padrões que eram impostas por uma sociedade patriarcal, que as restringiam apenas a cuidar do lar, eram consideradas seres frágeis e incapazes. Pensar na mulher com esse perfil em nossa sociedade contemporânea é algo quase que inacreditável, pois apesar de acharmos que em determinadas situações somos discriminadas, nada se compara ao que algumas mulheres brasileiras enfrentaram.

O presente artigo pretende apresentar à trajetória do Movimento Feminista no Brasil no século XIX, nos mostrando as contribuições deste para a nossa sociedade e principalmente, para a educação da mulher nesse período, discorreremos também sobre sua origem, para se entender o fundamento do Movimento Feminista é preciso conhecer sua história, pois esta nos permitir não ter um posicionamento equivocado de determinada situação.

Além da historicidade da periodização do movimento, faremos uma breve análise do perfil da mulher no século XIX, e buscar compreender como estas eram educadas, se temos como objeto principal de pesquisa as contribuições do Movimento Feminista para a educação da mulher, é importante compreender o que as incomodavam tanto ao ponto de desafiar os padrões ditados como corretos nesse período e se unirem para promover mudanças e conquistar direitos que até então não eram delas como à educação.

Tudo que a mulher queria era estudar, trabalhar, ter voz ativa, ser vista, ou seja, ser parte ativa em uma sociedade que impôs a elas o casamento, um lar e filhos para criar e que as rotulou, como incapazes, relacionando tal característica a condição física. Por isso a importância do Movimento, este vem para mostrar que mulher tem capacidade, tem inteligência, tem criatividade, criticidade, que pode sim cuidar do lar, mais pode ser uma peça importante, pode contribuir na sociedade, e na busca por seus direitos e aos poucos elas vão conquistando seu espaço.

## **2. A ORIGEM DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL**

Existem relatos de que ao longo da história mulheres se rebelaram contra as condições e como eram mantidas e vistas pela sociedade, movidas por um sentimento revolucionário algumas delas lutaram por liberdade, queriam ser vista como peças importantes e não apenas

como donas de casa, por desafiar a sociedade, muitas pagaram com a vida por não aceitar os princípios sociais de sua época.

De acordo com Pinto (2010), a primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles foi o do voto, e assim surgem as Sufragetes, desta forma ficaram conhecidas essas mulheres que se uniram em torno de um propósito, lutar por seus direitos, estas promoveram manifestações em Londres, foram presas varias vezes, e depois de tantas manifestações em 1918 conquistaram o direito ao voto.

No Brasil de acordo com Duarte (2003), o feminismo teve quatro ondas, assim chamadas às etapas que do movimento no país, a primeira onda do movimento feminista surge pelo desejo que as mulheres têm a educação, sendo chamada de primeiras letras por Duarte e na segunda onda, continuam a luta pela instrução e o desejo de decidir seus representantes, ou seja, também queriam ter direito ao voto.

As Sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista, que estudou no exterior e voltou ao Brasil em 1910, iniciando a luta pelo voto, foi uma das fundadoras da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. No Brasil o direito ao voto foi conquistado em 1932 quando foi promulgado o novo Código Eleitoral Brasileiro.

Durante essa primeira onda do feminismo também se destacou o movimento das operárias de ideologia anarquista, estas reunidas na União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, indignavam-se das condições de trabalho, segundo (PINTO, 2003, p. 35): Em manifesto de 1917, proclamam: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes”.

Apesar de terem conquistado o direito ao voto na década de 1930 o movimento feminista perde força, e só volta a aparecer na década de 1960, durante esse período em que o movimento esteve adormecido, Simone Beauvoir publica um livro, intitulado de, O Segundo Sexo em 1949, esta obra marca as mulheres envolvida com a defesa da participação da mulher na sociedade, pois nele esta expressa uma das máximas do feminismo: “Não se nasce mulher, se torna mulher”.

A década de 1960, é muito significativa para o ocidente, são vários acontecimentos, por exemplo, os Estados Unidos entra na Guerra do Vietnã, surge o movimento hippie. Na Europa acontece o Maio de 68 em Paris, nos primeiros anos da década é lançada a pílula anticoncepcional, e em meia a toda essa efervescência, Betty Friedam lança em 1963, o livro considerado pelas feministas uma espécie de bíblia do novo feminismo: A mística feminina.

É nesta década que o movimento feminista surge com toda intensidade, entusiasmadas as mulheres falam pela primeira vez sobre relação de poder entre homens e mulheres. A partir daí fica evidente o real significado do movimento feminista, de acordo com (PINTO, 2010, p. 16):

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não que só espaço para a mulher- no trabalho, na vida pública, na educação - mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sua vida e seu corpo.

O Brasil também sofreu várias mudanças nesta década, ouve a revolução na música, com a chegada da Bossa Nova, o governo de Jânio Quadros, em 1963 foi o período de radicalizações, esquerda partidária versus os militares, 1964 vem o golpe militar, que teve seu início bem moderado, mas que em 1968 por meio do Ato Institucional n.(AI -5) ganha força e transforma o Presidente da República em um ditador.

O clima no Brasil não favorecia o surgimento de movimentos libertários por causa da repressão trazida pela ditadura. Assim as primeiras manifestações feministas que acontece no Brasil é na década de 1970, vista pelo regime militar com desconfiança por ser considerada como políticas moralmente perigosa. Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU), declarou os próximos dez anos como a década da mulher.

No Brasil já se organizavam debates sobre a situação da mulher na sociedade, assim foi promovida uma semana debates que teve como eixo o tema: “o papel da mulher na sociedade brasileira”. Começou em nosso país a organização das primeiras manifestações e as mulheres em Paris, principalmente as exiladas entravam em contato com o feminismo europeu e começavam a reunir-se.

Em 1976 é lançada a Carta Política, pelo Círculo da Mulher em Paris, traz em sua essência a situação vivida pelas mulheres, Conforme (PINTO, 2003, p. 54): “Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos”.

1980 é a década da redemocratização, e com ela o movimento feminista no Brasil entra numa fase de efervescência, pela luta dos direitos das mulheres, surgem questões diversas, como violência, sexualidade, trabalho, igualdade no casamento, direito a terra, a saúde, racismo, preferências sexuais, formaram-se vários grupos que se encontravam e muitos deles muito próximos dos movimentos populares de mulheres que estavam nos bairros pobres

e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, que tinha a influência direta da Igreja Católica.

O marco importante para o feminismo brasileiro conforme Pinto (2003), foi a Criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, este promoveu junto com outros grupos, como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília, uma campanha nacional para inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional, os esforços valeram a pena, a Constituição de 1988 é uma das que mais garante os direitos para a mulher no mundo.

No governo de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso o CNDM perdeu a importância, no governo de Inácio Lula da Silva é criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com status de ministério. Na última década do século XX, o movimento sofreu, se direcionando para uma tendência geral, junto com o estado, os movimentos buscam medidas de proteção e inclui-la na vida política, desta forma foram criadas delegacias de proteção exclusivas para a mulher e a maior conquista, a Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, que busca criar meios de reduzir a violência doméstica e familiar sofrida por algumas mulheres.

Discorrer ao longo da história do feminismo é perceber que o considerado sexo frágil, se fez forte para lutar por uma voz ativa na sociedade, é de fato árdua e conflitante, mas necessária, para que hoje possamos estar inseridas de forma igualitária na mesma.

### **3. O PERFIL DA MULHER BRASILEIRA NO SÉCULO XIX**

O Brasil no século XIX ditava regras sociais para as mulheres determinando a diferença entre os sexos, o padrão moral da época privilegiava o homem em todos os aspectos. Um país rural e escravista, buscando se adaptar ao modelo capitalista que chegava, estas mudanças influenciaram a sociedade, e o comportamento feminino começou a mudar e a incomodar os conservadores. SOUZA (2010, p. 113) diz: O século XIX foi o século em que as mulheres mais foram controladas em seus corpos e sentimentos. Os tratados e os códigos de comportamento se avolumaram, prescrevendo a forma “correta” de se portar ao público.

Essas mulheres tinham como cotidiano, os afazeres domésticos, muitas delas não se preocupavam em ter instrução, pois não viam possibilidades de mudanças no modo de vida, através dela. Quando ficavam adolescentes, já eram encaminhadas para o matrimônio, e

provavelmente aos vinte anos muitas já eram donas de casa e mães. A missa dominical era o ponto de encontro, principalmente para as moças da zona rural.

De acordo com Dantas (1999), no decurso do século XIX, a mulher não tinha voz para se nomear e fazer ouvir, nem contava com alguma representatividade ou instituição pública que cuidasse de seus interesses. Sem ter como prevalecer a sua presença e os seus direitos enquanto ser social, ela se manteve excluída das preocupações dos grandes legisladores.

De acordo com o autor essa acomodação se deu por conta da própria trajetória da mulher ao longo da história, sendo sempre reprimida e submetida à obediência, tratada como um ser inferior e frágil. É na segunda metade do século que os postulados científicos e filosóficos que atribuem à mulher esse perfil começam a declinar, levando o tema mulher a questões de estudos por diversas áreas das ciências sociais e até ficção e estudos literários.

Em relação à educação, desde pequenas as moças recebiam uma forma de educação esta diferenciada das dos meninos, as negras e as indígenas não tinham direito, para estas a educação era informal, adquirida no dia a dia.

A partir do século XIX os grupos das elites começam a perceber que a mulher deve ser mais educada e instruída, assim as últimas décadas, aponta a necessidade de educação para mulher, vinculando-a a modernização da sociedade, a higienização da família, a construção da cidadania dos jovens, a educação feminina que, no entanto deveria continuar sobre a influência e comando da Igreja Católica.

Este século é revolucionário para as mulheres, pois algumas delas podemos dizer as mais ousadas e corajosas, começam a dizer o que pensavam, como por exemplo, Nízia Floresta, Ana Jacinta, Chiquinha Gonzaga que são apenas algumas de muitas que lutaram contra o abolicionismo, e ao republicanismo, para o direito a educação, ao divórcio, entre muitas outras causas.

Se utilizando da escrita e da palavra para se tornar visíveis a vida pública, estas queriam uma educação digna para ingressar na vida profissional. Aos poucos as mulheres foram começando a ganhar espaço, porém a imagem passada dá mulher no Brasil, segundo CARVALHO (1990 , P. 34):

A representação da mulher como símbolo de liberdade, não era uma alegoria muito presente entre os republicanos brasileiros. No Brasil a figura feminina ligada à República, foi a da mulher pública, a prostituta, utilizada pelos caricaturistas da época para representar a desilusão com o novo regime.

Apesar desses empasses elas não desanimaram, e continuaram a lutar por seus direitos, como já foi citado, aqui no Brasil o feminismo passou por quatro momentos ou ondas como foram chamadas por Duarte (2003), a primeira onda foi a das primeiras letras, lutaram pelo direito a educação, a segunda onda, que tratou de lutar pela ampliação a educação e direito ao voto, a terceira onda que tratava da conquista a cidadania e a quarta e ultima onda que diz respeito à revolução sexual e literatura.

Como o objetivo do presente artigo é abordar as influências do Movimento Feminista para a educação da mulher no século XIX, não iremos nos aprofundar nas quatro momentos então citados, iremos discorrer sobre o que foi conquistado a partir das manifestações dessas mulheres.

#### **4. A EDUCAÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XIX**

Oliveira (2008) nos diz que, desde cedo as meninas brasileiras eram ensinadas a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas. Cresciam marcadas por uma fragilidade que refletia em sua capacidade de pensar, de acharem-se inteligentes, capazes, e com esse complexo de inferioridade, mantinha-se afastadas dos espaços públicos. Para as filhas da elite havia uma diferença em relação à instrução, teriam sim a preparação para o casamento, mais recebiam uma educação diferenciada das dos homens.

A educação da mulher vai sofrer mudanças ao longo do século XIX isso devido as transformações que a sociedade brasileira vai passar, tendo que se adaptar, a modernização, como a industrialização e a urbanização, com essas mudanças surgem novos ideais civilizadores que são rapidamente absorvidos por grupos sociais que acreditam no sucesso de uma educação que vincule a educação com religião, induzindo a sociedade a um modelo de vida individual e coletivamente aceitável.

De acordo com Felerico (2011, p. 2) desde pequenas as moças recebiam uma forma de educação diferenciada dos meninos. As negras ficavam isentas desse processo sistemático de escolarização. As meninas negras não tinham direito a instrução e para as índias e pobres a situação eram semelhantes, escolas públicas não recebiam as descendentes indígenas.

As filhas da elite tinham um ensino diferenciado, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática vinha acompanhado das aulas de piano, francês, aulas que eram ministradas em suas próprias casas ou em escolas religiosas. Eram incentivadas para

desenvolverem habilidades domésticas que incluía domínio com a agulha, culinária, bordados, rendas, mando das criadas, domínio da casa.

Alguns grupos conservadores da época acreditavam que, as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, não havia a necessidade dela obter conhecimentos além daqueles que ajudasse a consolidar a sua moral e os bons princípios, tudo em prol dos bons costumes.

## **5. O MOVIMENTO FEMINISTA E AS CONQUISTAS PARA A EDUCAÇÃO**

Depois de uma análise minuciosa da história da mulher no século XIX, podemos perceber que as manifestações feitas por elas, a luta pelo direito a participar na sociedade, irá abrir espaço para outros temas que as envolvem, e reflete em toda sociedade, não se fala em grandes feitos, mais a partir delas e com a chegada da modernidade a forma de pensar na mulher começa a mudar.

Como já foi citada a primeira onda do feminismo brasileiro busca conquistar a educação como direito da mulher, elas começaram a utilizar os jornais para reivindicar direitos iguais, algumas mulheres se destacaram por suas produções literárias mostrando sua capacidade na criatividade e criticidade aproveitando esse espaço para reivindicar o direito a igualdade de acesso à educação e a esfera política.

De acordo com Souza (2010), em 1832, Nísia Floresta, uma das pioneiras do feminismo no Brasil, escrevia em jornais e reivindicava o direito ao acesso a educação por parte das mulheres, pois entendia que somente dessa forma haveria a igualdade. Esta trazia como uma de suas maiores defesas a questão da educação, dizia que a falta de educação gerava um ciclo de desigualdades que impedia a mulher de participar, pois não eram instruídas, juntamente com outras pioneiras do movimento, fundaram o Colégio Augusto, propondo a ampliação do currículo do ensino feminino nos moldes clássicos e humanísticos, e mesmo apesar de tanto esforço não conseguiram ir adiante.

Movido pela modernização e o ideal de mudar o perfil da mulher na sociedade, surgiu por iniciativa particular, pequenas escolas leigas e os primeiros colégios religiosos para meninas. Permitindo que, o acesso da mulher à educação passasse a se constituir uma das principais bandeiras veiculadas pelo movimento feminista, no sentido de despertar a consciência da mulher, visando libertá-la da escravidão e da ignorância. De acordo com (ALVES et al, 1982,



p. 29): “as conquistas obtidas na luta pela emancipação feminina passaram a ser vistas como conquistas da civilização, que os homens deviam ampliar em próprio interesse, por ser uma condição do progresso humano”.

Vinculando a educação a religião pode perceber que ao civilizar a mulher através da educação, se abre um canal movido pela caridade que lhes permitiu transitar entre as esferas públicas e privadas. O que contribuiu para que com o surgimento de colégios religiosos que abrigavam meninas, a figura feminina começasse a ganhar espaço.

Daí em diante além de cuidar do lar estariam envolvidas com essas instituições filantrópicas, porém conforme Rodrigues e Marques (2009), Apesar de todo o esforço e reivindicações das feministas, as modificações somente acontecerão no campo da higiene, e da norma médica, pois acreditava-se que a concepção de higiene designariam medidas de construção de um “meio social” favorável ao desenvolvimento físico, intelectual e moral dos indivíduos.

As feministas brasileiras defendiam a educação, pois acreditava que permitiriam o acesso a posições profissionais de prestígio, o que ia refletir na forma como essa sociedade machista passaria a ver a mulher. A educação nesse período preparava homens e mulheres para destinos diferentes, essa resistência aos poucos foi sendo superada, de início se pensando no lar, afinal sendo elas responsáveis pelos filhos influenciava a sociedade, então precisavam de educação para realizar sua tarefa da melhor forma possível.

Mais a luta das feministas não foi em vão, percebemos que e partir de seus questionamentos e força de vontade de algumas intelectuais que vai se modelando a sociedade, é partir delas que se começa a perceber que é necessária a instrução, não como idealizavam, mas já era um bom começo, elas viam outras possibilidades através da instrução.

Conforme Souza (2010), o desafio foi grande, pois os livros para instrução da mulher foram desenvolvidos por homens que tinha uma visão restritiva da posição da mulher, assim elaboravam esses livros com caráter modelador, moralizante e disciplinador, o que não dava espaço para desenvolver o intelecto feminino.

Com o influencia de novas correntes de pensamento a defesa do direito a educação passou a se feita por homens e mulheres progressistas estes acreditavam que permitir o acesso a educação as mulheres colocariam o Brasil entre as grandes potências, assim alguns homens começaram defender essa ideia, isso para o nível básico de ensino, pois eles acreditavam que para o ensino superior elas não estariam aptas, devido a complexidade do estudo científico. Muitas mulheres denunciaram esse tipo de opressão, sendo mais um desafio.

Tanto homens como mulheres que tiveram a oportunidade de viver em países desenvolvidos e puderam ver a evolução feminina dentro de sociedade como agentes ativas passaram a reivindicar esse direito, estes movidos por ideais positivistas.

Souza (2010) relata que o acesso ao estudo universitário por parte das mulheres brasileiras aconteceu nos Estados Unidos, pois a partir da insistência pessoal, Maria Augusta Genrosa Estrela e Josefa de Oliveira conseguiram estudar medicina no New York Medical College and Hospital for Women, elas editaram o jornal A mulher, em cujas páginas defendiam a capacidade intelectual feminina. Influenciado pela experiência de Maria Augusta e Josefa, quando é feita a Reforma Educacional de 1879 é dado o direito as mulheres ao ingresso no Ensino Superior.

No século XIX o maior destaque dado à mulher e o meio pelo qual ela mais se expressou foi pela escrita, foram várias mulheres que publicaram livros e artigos em jornais, a maioria deles era editada na corte, como “O Sexo Feminino”, “O Jornal das Senhoras”, “O Belo Sexo”, entre outros, o que fica evidente é que na sociedade do século XIX, havia uma preocupação e conscientização quanto à importância da instrução.

Esta claro que as mulheres que escreviam nos periódicos utilizavam esse recurso para tentar alcançar objetivos propostos em seus artigos de forma ampla além de espalhar suas ideias, buscando atrair novos adeptos para sua luta, isso se tornou viável já que a sociedade influenciada pela modernidade como já foi citado, acreditava que as mulheres deveriam ser instruídas.

Com o estudo elas queriam ter direito ao trabalho, mas não foi tão fácil era algo inaceitável a mulher competir com um homem no campo do trabalho, mesmo na busca pela modernidade ainda existia a discriminação em alguns casos, porém essa regra não se aplicava a todas as classes as mulheres vindas das classes baixas eram destinadas a trabalhar nas casas de família com o intuito de ajudar na renda familiar e as mulheres pertencentes à classe alta ficavam e casa cuidando do lar, ou seja, fiscalizando a doméstica.

Porém muitas das mulheres da classe alta como tinha acesso ao ensino, tentavam inserir-se no mercado de trabalho, porém algumas áreas apresentavam bastante resistência, como a área da medicina e direito, só parasse ter ideia, a primeira mulher advogada no Brasil para exercer a profissão passou pela aprovação de diversos juristas. Assim neste período não bastava pertencer a classe alta. O Movimento passou a reivindicar melhores condições de ensino e agora queriam o direito ao voto, a educação entrou como veículo importante para a conquista desse direito, pois conforme SOUZA (2010, p. 116):

Como a República assegurou aos homens alfabetizados o direito ao voto, as mulheres passaram a defender a necessidade de igualdade em todos os âmbitos: a ênfase das reivindicações passava do acesso à educação ao direito ao voto, pois somente assim a igualdade aconteceria verdadeiramente.

E assim surgem os primeiros movimentos organizados de mulheres no Brasil, não deixaram de utilizar os livros e jornais mais resolveram ir mais além. Em 1910 criam o Partido Feminino (PRF), este fundado por um pequeno grupo de mulheres e liderado por Leolinda Daltro e Gilka Machado. De acordo com Pinto (2003) o governo em sua plataforma da o direito ao voto e também a emancipação feminina, de acordo com o mesmo autor, o partido não permaneceu por muito tempo durou apenas até o final da década de 1910.

Em 1920 o Movimento Feminista vem mais suave, comparado ao século anterior, as feministas queria agora conciliar à inserção da mulher a vida pública, mantendo o seu papel tradicional. Desta forma a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) desempenhou um papel muito importante, pois divulgou as ideias das feministas, ganhando novos defensores para lutar pelo direito ao voto.

Nesse cenário ganha destaque a líder da federação Bertha Lutz, esta era pertencente às elites, estudou fora do país e tinha influência por sua condição privilegiada, esta conseguiu da visibilidade sobre a questão do sufrágio feminino escrevendo em jornais ainda viajou para diversos países para representar o Brasil.

O movimento feminista permitiu que a mulher tivesse o direito de conquistar seu espaço, a mulher passou a ser vista como sujeito histórico, em um período em que eram subordinadas ao lar, elas conseguiram se expressar e lutar por direitos até então atribuído aos homens, assim enxergaram na educação uma saída para todos os males que as impediam de participar da vida pública, e tentaram fazer a sociedade de sua época perceber que adotar uma educação não diferenciada remeteria a transformações sociais na vida da mulher e que refletiria em vários campos do comportamento profissional, político, doméstico e íntimo. Por isso elas assumem seu papel revolucionário e lutam por mais questões que envolvem sua participação como cidadãs, no entanto para alcançar todas essas conquistas precisaram garantir em primeiro lugar o acesso à educação.

## 6. CONCLUSÃO

Podemos perceber que muito do que as mulheres conquistaram e desfrutaram nos dias atuais é reflexo de anos de luta, e o século XIX é decisivo para muitas transformações que ocorrem, a periodicidade em que o Movimento Feminista surge é significativo para que este evolua de forma positiva, pois além do desejo de mudanças e conquistas que as mulheres almejavam, a modernidade e as novas correntes de pensamento no campo científico e filosófico facilitaram a disseminação dessas ideias.

Assim surge o Movimento Feminista, não apenas no Brasil mais e outros países, em alguns as feministas foram pressionadas mais não desistiram de conquistar seu espaço. No Brasil o principal objetivo, era o acesso à educação, pois apostavam na educação, como elemento libertador, capaz de inseri-las de forma igual ao meio público, ao mercado de trabalho, queria sair da rotina imposta pela sociedade patriarcal que viviam.

O que fica evidente, é que a educação era necessária e desta forma elas lutaram por ela, e conquistaram esse direito, e através dele o voto, buscando igualar os gêneros, o movimento teve importância significativa para educação da mulher, pois a tirou da ignorância, as fez perceber que podem desempenhar atividades que necessitem de habilidades como criatividade e criticidade, sendo expresso assim através da escrita.

Apesar de a sociedade pensar na educação, não se pensou como o Movimento, e assim acreditamos ter sido importante a existência deste para as mulheres, se não tivesse existindo a voz feminina para guiar o seu próprio destino, talvez a sua educação existisse, mais regradada pelas imposições de uma sociedade que admitia a mudança, mas não aceitava a ocupação do espaço da mulher de forma igualitária.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: a experiência vivida**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O Imaginário da República no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

DANTAS, Francisco J. C. **A Mulher no Romance de Eça Queiroz**. São Cristóvão, SE. Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

FELERICO, **Mulher, Consumo e comunicação**: Os diferentes papéis da mulher brasileira no século XIX. São Paulo 2011.

GISI, Maria Lourdes. **A educação superior no Brasil e o caráter desigual do acesso e da permanência**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n.17, p. 97-112, jan./abr. 2006.

HAHNER, June. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: UDINESC, 2003.

OLIVEIRA, Lilian Sarat. **Educação e Religião das mulheres no Brasil do século XIX: Conformação e Resistencia**. Florianópolis, 2008.  
Selma.

PINTO, Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. **Revista de Sociologia e Política** V. 18, Nº 36: 15-23. Curitiba, Junho de 2010.

PINTO, C. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RODRIGUES, Joice Meire; MARQUES, Elize Cristiane de Rezende. **O Civilizar da Mulher na História da Educação**. São Paulo, 2009.

SOUZA, Ezequiel de. Bandeiras Feministas pela Igualdade de Gênero. **Revista Espaço Acadêmico**. N° 108. Maio de 2010. São Leopoldo – RS.

SILVA, Daniel Neves. "**Feminismo no Brasil**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.